

➤ A costa dos murmúrios: mais do que um romance sobre guerra colonial.

Prof. Elídio Fernandes Júnior

Dizer que *A Costa dos Murmúrios* trata-se apenas de um romance contemporâneo sobre a guerra colonial é inseri-lo em uma caixa hermética, com um rótulo, que não apontaria para a riqueza de enfoques e abordagens oferecidos por Lídia Jorge neste romance publicado em 1988. Lídia viveu em África durante um período em que já era notório o fato de que a guerra estava perdida no âmbito da consciência, mas não em terreno. E foi esta experiência que a ajudou a construir um universo com cenários muito próximos da realidade, mas nunca retratados exatamente como eram.

Em uma entrevista concedida ao jornal *A Folha de São Paulo* (05/04/98), quando comentou sobre a literatura de guerra em Portugal, disse: "... Penso que esta questão está tão viva dentro do povo português que as obras sobre a guerra colonial só vão aparecer agora. Parece-me que é o período equilibrado para começarem a aparecer as obras com o distanciamento suficiente e, portanto, a brecha da estética pode-se introduzir". Sem dúvidas, o distanciamento é o melhor remédio para o envolvimento emocional com um fato histórico. Só com o passar do tempo pode ser feita uma abordagem menos comprometida sobre os fatos. Digo menos porque o envolvimento sempre existirá com mais ou menos intensidade. Ao abordar esta temática, a autora (no nosso caso) lida com um fato histórico e as emoções envolvidas. Eva Lopo, personagem de *A Costa...*, ao tratar de uma ferida do passado vai se fortalecendo e expondo toda a transformação sofrida por ela, na passagem de *Evita* a *Eva Lopo*. Toda a 'verdade' se põe em seu lugar, do ponto de vista dela. Logo, esta 'verdade' é relativa. Sob um único foco, a visão pode ser distorcida pelo envolvimento emocional, mesmo que vinte anos mais tarde. Esta questão está presente em várias passagens do romance, mas para citar um exemplo, quando feita a leitura d'Os gafanhotos, lembra do passado e diz: "Quando vejo o General, agora à distância penso que, tanto o Comandante da Região quanto o General, constituíam, naquele tempo e para aquele local de África, uma imagem de energias renováveis." (p. 55)

Formalmente, a obra em análise já apresenta uma ruptura estética: inicia com um conto – *Os gafanhotos* – e segue-se com uma leitura deste, realizada pela protagonista do romance propriamente dito. Este último apresenta uma sucessiva análise dos fatos apresentados no conto e uma desconstrução de seu conteúdo por parte de *Eva Lopo*. Lídia Jorge põe sua protagonista na posição de leitora, mas não de uma leitora passiva. *Eva* lê e reflete, dando vez a um fluxo de raciocínio. Desta forma, a autora aponta para a participação do leitor como um construtor da narrativa. Todo o ler é sempre uma ação – "Não se lê, decifra-se" (p. 147). *Eva* não é apenas uma leitora reflexiva. Ela interpreta o que está lendo. Durante este processo, ela confronta a realidade proposta no conto com a sua atual conjuntura. E é neste jogo de realidades que eclodiu a singularidade de cada uma pessoa, ou melhor, da mesma pessoa em conjunturas e sob pontos de vista diferentes: *Evita* dá lugar a *Eva Lopo*. Assim, pode-se dizer que um dos aspectos deste romance é tratar da presença do leitor na história. Mas numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um integrante fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história.

Tanto se fala nesta personagem que vale ressaltar que na *A Costa dos Murmúrios* Lídia Jorge põe a mulher como condutora da narrativa, deixando as figuras masculinas como os 'objetos' em conflito. *Eva Lopo* estabelece o foco narrativo, mas não é resguardada de acontecimentos. Neste ponto tem o mesmo tratamento dos homens. Trata-se de uma postura da autora que é reflexo do fato de se tratar de uma mulher. Ela comenta: "Enquanto autor da narrativa, enquanto posto de observação, eu não dispo as minhas saias, nem meu cabelo para tornar uma perspectiva andrógena. Seria um erro se eu quisesse me colocar nessa perspectiva. Acredito que a literatura que é produzida não tem sexo. Mas a fonte que a produz tem." (*Folha de São Paulo*, 05/04/98)

Outro aspecto facilmente notado no romance é a presença da cor. As cores são muito marcantes no

corpo de todo o texto. Temos o vermelho, o amarelo e o verde. A primeira surge quando se trata do afogamento, quando a noite que sucede é “vermelha e negra” (p. 31), e quando observando de binóculo, notava-se um lastro “não propriamente vermelho, mas da cor da ferrugem” (p. 19). A segunda, aparece com um pouco mais de freqüência. Pode-se destacar as seguintes passagens: “A África é amarela ... Amarela clara, da cor do whisky!” (p. 12); “Evita ficou a ver como de fato tudo era laranja e amarelo, até mesmo o noivo” (p. 15); e o major dos dentes amarelos, um deles substituído por uma anilha de ouro (p. 10, 21, 22, etc.). Esta é uma cor que denota uma certa intranqüilidade e ajuda na composição da obra, principalmente se for considerada a presença da última cor: o verde. A terceira surge com força e toma todo o cenário do conto: é a chuva de gafanhotos. Tudo vai ficando verde no conto: “esverdear da atmosfera” (p. 32); o “suspiro verde” (p. 33); “o chão, cheio de verde treva” (p. 34); “e agora se via a luz das lâmpadas e as fogueiras passarem de verde-musgo a verde-coqueiro e a verde-esmeralda” (p. 36). Mas a presença desta cor não se restringe ao conto. Já mais adiante temos: “Os telhados e as varandas emergiam na penumbra esverdeada das árvores” (p. 64); “prisioneiro da luminosidade verde” (p. 142); “a chuva verde, cheia de asas” (p. 144). O verde, sem dúvidas, aponta no sentido da manutenção da esperança. Mas não de uma esperança passiva, mas sim fruto de uma reação natural da terra e dos seres dela sob a metáfora da chuva de gafanhotos que varre tudo e se apresenta como uma torrente incontrolável. Desta forma, fica claro que a presença das cores são determinantes no estabelecimento da ‘realidade’ no conto Os gafanhotos.

Logo de início comentei o erro em rotular este romance apenas como mais um sobre a guerra colonial. Mas este assunto é inevitável. Lídia Jorge levanta questões históricas em críticas ácidas ao sistema colonialista que arbitrariamente juntou etnias em um mesmo território, fato que gerou, e gera, muitos conflitos: “Felizmente que se odeiam mais uns aos outros do que a nós mesmos” (p. 17). Mas toda guerra traz consigo a questão da superioridade. Neste romance, a superioridade em foco, mais do que qualquer outra é a racial. O pouco caso em relação aos negros, tratados como uma sub-raça, fica claro no conto, página 13, quando se diz que “... ainda era muito cedo para se falar de guerra, que aliás não era guerra, mas apenas uma rebelião de selvagens. Ainda era muito cedo para se falar de selvagens – eles não tinham inventado a roda, nem a escrita, nem o cálculo, nem a narrativa histórica, e agora tinham-lhes dado umas armas para fazerem uma rebelião...”. E a visão mais contundente de guerra: Tratava-se de uma necessidade de estabilizar as energias da alma humana. O ponto de vista apresentado pelo noivo de Evita retrata com uma assustadora crueza de sentimentos – quase selvagens, permito-me considera-los – o ‘bem’ que a barbárie faz ao seu humano: “Falando de olhos abertos postos nas botas, meditava em voz alta na injúria que o Estado fazia em privar gente de ser feliz. (...) A nação estava cheia de gente que nunca assistira a outra cena de combate que não fosse a dum ridículo distúrbio à porta duma taberna... . E de resto, só paz, uma dormente paz. A paz do país, no tempo do General, deveria ter parecido uma pedra adormecida. Estava triste.” (p. 58) Na página seguinte, segue-se este discurso, desta vez citando a questão da memória: “O que era uma terra sem a memória activa do inimigo ? (...) Se ao menos houvesse uma lápide que indicasse o lugar duma bomba, pelo menos ter-se-ia dado a esses homens a ilusão de que tinham alguma coisa com a Guerra, essa necessidade da ciência, da Arte e da própria Matemática.” Além destas visões da guerra, existe uma outra que também pode ser detectada no romance: o sentido de posse da terra que foi conquistada e o poder sendo mantido. Seja pela via que for, a terra continua e sempre continuará pertencendo ao colonizador. “O Planeta é eterno, Portugal faz parte do Planeta, o Além-Mar é tão Portugal quanto o solo pátrio do Aquém, estamos pisando solo de Além-Mar, estamos pisando Portugal eterno !” e “Portugal d’Aquém e d’Além mar É Eterno.” Estas posições, respectivamente das páginas 213 e 211 remetem ao passado histórico de tantas conquistas e glórias do Império e, obviamente, à não aceitação de uma nova realidade, com Portugal enfraquecido e vulnerável ao poderio inglês. A influência da cultura inglesa se faz notar pela presença do “Whisky”, do termo “black” referindo-se aos negros, e pela expressão “Please, please, please, get out from here tonight...” por exemplo. (p. 12, 15 e 13 respectivamente)

A questão do passado histórico está diretamente relacionado à memória. É levantada uma idéia sobre o papel inquietante da história e da memória: “Acho até interessante a pretensão da História, ele é um jogo muito mais útil e complexo do que as cartas de jogar. Mas neste caso, porque insiste em História e memória, e idéias dessas que tanto inquietam ?” (p. 42) Realmente é complicado lidar com um passado perturbador. E esta dificuldade vai sendo notada a cada passo dado rumo ao final do romance: a total desconstrução do conto.

A necessidade de um registro que comprove a verdade dos fatos, sem deixar margem para possíveis interpretações e a noção de verdade são tratados, em grande parte, com base na memória de Eva Lopo. Mas como ela mesma afirmou, ainda como Evita, a verdade "...era apenas uma questão de considerar a realidade subjetiva como a mais concreta." (p. 26) Assim, os fatos devem ser observados levando-se em conta que o foco é oferecido pela protagonista. E alertando o jornalista que escreveu Os gafanhotos, aconselha-o para que "não se preocupe com a verdade que não se reconstitui, nem com a verossimilhança que é a ilusão dos sentidos" (p. 42), " Definitivamente, a verdade não é o real..." (p. 85) diz Eva afirmando que no conto só a verdade interessa. Mas como ela mesma disse, a verdade dela. Neste contexto, que trata do valor da informação como transmissora de uma realidade, vale ressaltar que Lídia Jorge faz uma forte crítica ao papel dos meios de comunicação como veiculadores de fatos que dizem respeito à sociedade como um todo. Ainda no conto, diz que "se ninguém fotografou nem escreveu, o que aconteceu durante a noite acabou com a madrugada – não chegou a existir. A rádio provincial nem um som sobre o assunto" (p. 21) E o descaso com a informação fica mais evidenciado na página 62, quando, já Eva, em tom de contrariedade, comenta que: "Os noticiários omitiam e a maior parte das mulheres que falavam no terraço concordava com a omissão".

Lídia Jorge, no capítulo III do romance, fez questão de dar um tratamento destacado a João Bernardo. Eva Lopo sempre destaca o valor dele, mas lamenta que Evita não o tivesse notado. Bernardo era o telefonista do hotel, um perito em PBX, segundo ela. Ele remontava a tradição do passado por meio de seu tio (o caçador de leopardos), tinha sua religiosidade explícita e tinha uma personalidade tão ampla que palavras não eram suficientes para retrata-lo. "Era a prova de que África podia guardar memória de si mesma se quisesse e dispusesse", Comenta Eva Lopo na página 87, considerando-o um verdadeiro símbolo da pátria. Ele estava totalmente inserido no contexto português da narrativa, tanto que chegavam a trata-lo com certa intimidade. Quanto a isso, Eva comenta: "Dizer tu ao Bernardo era a prova de que o mundo social estava concertado, como o sol e a lua estão" (p. 87). Mas esta harmonia percebida por Eva, e proposta por meio de uma belíssima metáfora – o sol e a lua – pode não passar de uma fina ironia, já que os portugueses não se cansavam de se aproximar dele para ouvir as histórias sobre seu tio. Com certeza, estas histórias povoavam o imaginário português sob o signo do exotismo. Assim sendo, de que harmonia tratava Eva ?

Finalizando, retomo o parágrafo inicial. Tendo em vista este rico inventário de assuntos que podem ser percebidos com a leitura de A Costa dos Murmúrios, como seria possível rotular esta obra de Lídia Jorge como constituinte de uma literatura sobre guerra colonial ? Sem dúvida a guerra está presente, mas é apenas um cenário para o conto Os gafanhotos. Também não podemos buscar o aspecto da realidade, uma vez que se trata de uma obra de ficção. A criação literária é coisa diferente da realidade, mas também é o aparentemente contrário: a realidade é o material da criação literária. Assim sendo, é claro que encontramos traços do real na Costa..., mas não há um comprometimento direto com a realidade. Não se deve limitar uma obra literária.

Referência Bibliográfica Folha de São Paulo, 05/04/98.

JORGE, Lídia. A costa dos murmúrios. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.